

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Militares 63Data: 03/06/92 Pg.: 7

Ecologia e Forças Armadas

Luiz Carlos da Silva Bueno

Campo e floresta. Tiriós é uma síntese das várias Amazônias que coexistem no mesmo espaço; lá tem um rio, de água limpa e fria, tem onça e tem gavião. Tem até uma grande rocha, uma miniatura do Pão de Açúcar. Em torno do verdadeiro Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, fala-se, discute-se, estuda-se a relação entre homem e natureza. Lá em Tiriós, no norte do Pará, fronteira com as Guianas, os índios cuidam de suas hortas e pastoreiam seus búfalos.

Por mais que a paisagem seja bonita, hortaliças e bubalinos não surgem espontaneamente. Os religiosos ensinaram a plantar e a cuidar da horta. A Aeronáutica levou para lá os búfalos e, periodicamente, transporta os veterinários que contribuem para a saúde do rebanho.

É um exemplo de respeito ao indígena, de que é possível ajudá-lo sem destruir sua cultura. Um trabalho de décadas, Tiriós deve seu sucesso a um trinômio antigo, que já produziu excelentes resultados: índio, missionário e FAB.

Os religiosos exercem a sua vocação, o nobre compromisso de levar bem-estar, educação, higiene, saúde, fé a brasileiros merecedores de um pouco de apoio e atenção. A Força Aérea faz a ligação entre a aldeia e a civilização, transportando víveres, remédios, ferramentas, médiocs e técnicos agropecuários.

Dá certo: Tiriós é uma prova. É uma idéia que frutificou.

Entre tantas propostas que certamente irão aflorar na Rio-92, vale a pena considerar a participação das Forças Armadas no esforço nacional em prol da preservação do ambiente e de uma vida melhor para as comunidades indígenas.

As três forças têm uma longa história de trabalhos cumpridos nessas áreas. As jornadas de Rondon, os vôos do Correio Aéreo Nacional, o atendimento aos ribeirinhos amazônidas feito pelas corvetas da Marinha; ações que, embora válidas e importantes, nem sempre continuam com mesma intensidade.

Tropeçando em grandes restrições orçamentárias os militares não têm muita chance de se preocupar com outra coisa além da defesa pura e simples do território nacional. O que já está sendo difícil...

Entretanto, não exige muito esforço imaginar as imensas potencialidades de contar com a participação intensa, abrangente, contínua, dos organismos militares na vigilância das agressões à natureza.

Os quartéis estão espalhados por todo o País, os aviões da Aeronáutica percorrem todos os cantos do território brasileiro, as embarcações da Marinha de Guerra têm uma enorme malha fluvial e um gigantesco litoral a patrulhar.

É claro que isso não deve ser feito

de modo a desvirtuar a destinação principal das Forças Armadas: a defesa do País. O fato é que é perfeitamente possível compatibilizar o trabalho de preparação para uma eventual guerra com a atividade de vigiar e colaborar com os diversos órgãos governamentais de ação específica: Ibama, Funai etc.

Está sendo implantado um projeto, batizado de Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia), que prevê a instalação de uma rede de radares e estações de comunicação, para detectar vôos ilegais, combater o narcotráfico e coibir abusos contra o equilíbrio ecológico, como queimadas, garimpo ilegal e outras amenidades do gênero.

Como essa, certamente será viável idealizar e implantar outras iniciativas positivas neste campo. Com a repercussão favorável proporcionada pela Rio-92, por que não pleitear junto a organismos internacionais auxílio financeiro para a proteção à natureza e ao índio?

Esta é a hora, este é o lugar. Um pouco de criatividade vai bem. Vamos aproveitar esta oportunidade histórica; que tal procurarmos caminhos eficazes de atingir os objetivos, já agora praticamente mundiais, de preservar a natureza e defender o índio?

■ Luiz Carlos da Silva Bueno é brigadeiro-do-ar e chefe do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica